2,55

MELANIE KLEIN

PSICANÁLISE DA CRIANÇA

BIBLIOTECA DO IEPP

Tradução:

POLA CIVELLI

EDITÔRA MESTRE JOU

São Paulo

8

PRIMEIROS ESTÁDIOS DO CONFLITO EDÍPICO E DA FORMAÇÃO DO SUPEREGO

Nos próximos capítulos procurarei acrescentar algo ao nosso conhecimento sôbre a origem e a estrutura do superego. As conclusões teóricas que serão expostas foram obtidas através de um conhecimento direto dos primeiros processos do desenvolvimento psíquico, pois baseiam-se em análises efetuadas com crianças pequenas. Essas análises demonstraram que os impulsos edípicos da criança são liberados pelas frustrações orais e que o superego começa, simultâneamente, a formar-se. Os impulsos genitais ficam desapercebidos inicialmente, já que, via de regra, não se afirmam contra os impulsos pré-genitais até o terceiro ano de vida. Nesse período começam a manifestar-se claramente e a criança entra numa fase em que a sexualidade precoce chega a um clímax e o conflito edípico desabrocha em tôda a sua plenitude.

Nas páginas seguintes esboçarei os processos de desenvolvimento que precedem esta prematura expansão da sexualidade e tentarei demonstrar que os primeiros estádios do conflito edípico e da formação do superego estendem-se, aproximadamen-

te, da metade do primeiro ano até o terceiro ano de vida da criança.[1]

Ao prazer da sucção, sucede-se, normalmente, o prazer de morder. Se o bebê não obtiver gratificação no estádio oral de sucção, aumentará sua necessidade de gratificação no estádio oral de morder.[2] A opinião de Abraham, de que a incapacidade da criança de obter prazer suficiente no período de amamentação depende das circunstâncias em que é alimentada, foi plenamente confirmada pela observação psicanalítica geral. Sabemos também que as doenças e deficiências de desenvolvimento da criança são em parte devidas à mesma causa. Não obstante, condições desfavoráveis de nutrição, que podemos considerar como frustrações externas, não são, ao que parece, o único motivo pelo qual a criança obtém pouco prazer no estádio de sucção. A prova está no fato de que certos bebês não encontram prazer em mamar — são "ruins de pegar no peito" — embora recebam uma alimentação suficiente. Sua incapacidade de obter gratificação mamando é, penso eu, conseqüência de uma frustração interna e deriva-se, segundo minha experiência, de um sadismo oral anormalmente desenvolvido.[3] Segundo tôdas as aparências, a polaridade dos instintos de vida e de morte evidencia-se já nessas manifestações da

[1] Cf. meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928).

[2] Em seu trabalho "Oral Erotism and Character" (1921) Abraham assinalou que tanto o excesso como a falta de gratificação no período de lactância podem conduzir a uma fixação especialmente forte no prazer de morder. Em suas "Notes on Oral Character-Formation" (1925), Edward Glover frisa a importância da frustração oral numa fixação dêsse tipo, pois acredita que sempre que o excesso de gratificação oral provoca conseqüências traumáticas, é porque existem igualmente outros fatôres operando. Também em minha opinião os resultados são essencialmente diferentes nos dois casos.

[3] Erna (capítulo 3) foi um caso assim. Costumava morder o seio da mãe quando era pequenina, e isso muito antes de lhe nascerem os dentes. Em sua infância, também teve problemas de alimentação. Pude observar outros casos de sadismo oral anormalmente forte, em que apesar de o período de sucção não haver trazido consigo nenhum distúrbio ou dificuldade visível, foi, na realidade, totalmente insatisfatório para a criança. Em outros casos, graves perturbações externas durante êsse período deram lugar não a um sadismo oral anormalmente intenso, mas a uma forte fixação ao estádio oral de sucção. Assim, Ruth (capítulo 2), que tinha uma forte fixação dêsse gênero à primeira fase oral, havia passado fome durante meses quando bebê porque sua mãe não possuía leite em quantidade suficiente. Outro paciente, que jamais havia sido nutrido ao seio e sim a mamadeira, manifestou, é verdade, um forte sadismo oral, mas tinha também uma forte fixação ao estádio oral de sucção.

primeira infância; de fato, podemos considerar a fôrça da fixação da criança ao estádio oral de sucção como expressão da fôrça de sua libido, e, similarmente, o aparecimento de um sadismo oral precoce e violento como sinal da ascendência dos componentes instintivos destrutivos.

Como Abraham[4] e Ophuijsen assinalaram, pode haver nas zonas compreendidas no ato de morder, como por exemplo os músculos da mandíbula, um elemento de origem constitucional que reforçaria a fixação do bebê ao nível oral-sádico. As deficiências mais sérias de desenvolvimento e as afecções psíquicas mais graves produzem-se quando as frustrações externas — isto é, condições de aleitamento desfavoráveis — coincidem com um sadismo oral constitucionalmente reforçado, que impede o bebê de sentir prazer em mamar. Por outro lado, para que o desenvolvimento da criança seja normal, é preciso que o sadismo oral não surja muito cedo e nem muito violentamente, isto é, que o estádio de sucção tenha seguido seu curso de maneira satisfatória.[5]

Se fôr êste o caso, os fatôres cronológicos, assim como os econômicos, assumirão uma nova importância. Se as tendências oral-sádicas forem ativadas muito cedo e muito violentamente, as relações objetais da criança e a formação de seu caráter cairão sob o domínio do sadismo e da ambivalência;[6] por outra parte, a angústia suscitada por um incremento tão abrupto do sadismo oral exercerá forte pressão sôbre o ego ainda imaturo, de sorte que o desenvolvimento do ego adiantar-se-á ao da libido — sendo êste, como sabemos, um fator determinante da neurose obsessiva.[7]

No que concerne à origem da angústia, Freud ampliou sua concepção inicial e hoje dá apenas uma aplicação muito limitada à hipótese de que a angústia provém de uma conversão direta da libido. Êle demonstra que o lactante, quando está com fome, sente angústia em resultado de um aumento da

[4] Abraham, "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), pág. 451.

[5] Outro fator de desenvolvimento de importância básica é, conforme descobri, a maior ou menor capacidade do ego imaturo de tolerar a angústia. Êsse fator será discutido mais adiante.

[6] Cf. Abraham, "The Influence of Oral Erotism on Character-Formation" (1924); e igualmente Edward Glover, "The Significance of the Mouth in Psycho-Analysis" (1924).

[7] Vide Freud, "The Predisposition to Obsessional Neurosis" (1913).

tensão ocasionada por sua necessidade, mas que esta precoce situação de angústia tem um protótipo ainda mais primitivo. Citemo-lo: "Esta situação de insatisfação, na qual a excitação atinge um grau doloroso... deve ser análoga, para o lactante, à sua experiência de nascimento, e deve, por conseqüência, reproduzir aquela situação de perigo. Ambas as situações possuem em comum o transtôrno econômico provocado pela acumulação dos estímulos que requerem ser descarregados. É êste o fator, portanto, que constitui o verdadeiro centro do 'perigo', e em ambas as situações produz-se uma reação de angústia..."[8] Por outro lado, Freud tem dificuldade em conciliar sua primeira tese segundo a qual a angústia, em certos casos, provém de uma tensão da libido, com o fato de que "a angústia provada pelos fóbicos é uma angústia do ego, isto é, que ela se origina no ego e que, longe de resultar da repressão, é ao contrário a causa da repressão".[9] A suposição de que "em certas situações, como por exemplo, perturbação durante o coito, excitação interrompida ou abstinência, o ego pressente o perigo e reage com angústia"[10] não oferece, a seu ver, uma solução satisfatória ao problema; mais adiante êle abandona a discussão de outros pontos para voltar uma vez mais a essa questão, e atribui a emersão da angústia "àquela situação de perigo na qual, como na do nascimento... o ego se encontra impotente face às crescentes exigências dos instintos, isto é, aquela situação que é a condição primeira e original para o aparecimento da angústia".[11] Êle define como sendo o núcleo da situação de perigo "a admissão de nossa impotência frente a ela, uma impotência física caso o perigo pertença à realidade, e psicológica caso se origine dos instintos".[12]

O exemplo mais claro da conversão da libido insatisfeita em angústia é, penso eu, a reação do lactante às tensões ocasionadas por suas necessidades físicas. Todavia, uma tal reação é indubitàvelmente não apenas de angústia mas também de fúria.[13] É difícil precisar em que momento ocorre essa fusão

8 *Hemmung, Sympton und Angst* (1926), pág. 78.

9 *Ibid.*, pág. 49.

10 *Ibid.*, pág. 49.

11 *Ibid.*, pág. 86.

12 *Ibid.*, pág. 109.

13 Cf. Ferenczi, "The Problem of the Acceptance of Unpleasant Ideas" (1926).

dos instintos destrutivos e libidinais. Existem muitas evidências em favor da hipótese de que ela sempre existiu, e que a tensão ocasionada pela necessidade contribui apenas para reforçar os instintos sádicos do bebê. Sabemos, não obstante, que o instinto de destruição é dirigido contra o próprio organismo e que deve, portanto, ser encarado como um perigo pelo ego. Em minha opinião, é êste perigo que o indivíduo sente em forma de angústia.[14] E essa angústia teria sua origem na agressividade.[15] Mas desde que, como sabemos, a frustração libidinal incrementa os instintos sádicos, uma libido insatisfeita libertaria indiretamente a angústia ou aumentá-la-ia. Nessa perspectiva, a sugestão de Freud, de que o ego pressente um perigo na abstinência, seria, finalmente, uma solução para o problema. Minha única objeção é que são os instintos destrutivos os que geram o perigo que êle descreve como "impotência psicológica em face do perigo instintivo".

Freud diz que a libido narcísica deflete o instinto de morte para o exterior a fim de impedir que destrua o próprio organismo e que êsse processo condiciona as relações objetais do indivíduo e encontra-se na base do mecanismo de projeção. Continua nos seguintes têrmos: "Outra porção do instinto de morte não se acha incluída nesse deslocamento para o exterior; permanece dentro do organismo, onde fica 'fixada' à libido graças a essa excitação sexual da qual falei acima. Devemos reconhecer nessa porção o masoquismo erógeno original".[16]

Em seu artigo, "The Problem of Melancholia" (1928), Radó assinalou a importância da raiva na reação do bebê contra a fome, mas as conclusões a que chegou diferem das que sustentarei nas páginas seguintes.

14 Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), Freud considera que, em alguns casos, uma certa quantidade de angústia instintiva que se libertou do instinto destrutivo pode fazer parte da angústia real. Afirma: "Pode ocorrer amiúde que, numa situação que o indivíduo com razão considera como sendo de perigo, uma parte de sua angústia instintiva se agregue à sua angústia real. As demandas instintivas que o apavoram seriam, nesse caso, masoquistas, isto é, um instinto destrutivo voltado contra si mesmo. Um aumento dêsse tipo talvez explique a razão de sua angústia ser excessiva, inadequada e perturbadora em sua ação" (pág. 111).

15 Depois que escrevi êste livro, vim a saber que Therese Benedek, partindo de um ponto de vista diferente, também chegou à conclusão de que a angústia tem sua origem no instinto destrutivo. Diz ela: "A angústia, portanto, não é um temor à morte, mas a perceçpão do instinto de morte que foi liberado no organismo: a percepção do masoquismo primário" ("Todestrieb und Angst", 1931).

16 "The Economic Problem in Masochism" (1924).

Parece-me que o ego dispõe ainda de outro meio para dominar os impulsos destrutivos que permanecem aderidos ao organismo. Pode mobilizar uma parte dêsses impulsos e utilizá-los como defesa contra a outra parte. O id sofrerá então uma divisão, que me parece ser o primeiro passo para a formação das inibições instintivas e do superego, e que poderia coincidir com a repressão primária.[17] Pode-se supor que uma divisão dêsse gênero torna-se possível pelo fato de que, assim que o processo de incorporação tem início, o objeto incorporado converte-se em agente de defesa contra os impulsos destrutivos que permanecem no interior do organismo.[18]

A angústia suscitada na criança por seus impulsos destrutivos age, a meu ver, de duas maneiras. Em primeiro lugar, torna a criança temerosa de ser exterminada por seus próprios impulsos destrutivos, isto é, refere-se a um perigo instintivo interno;[19] em segundo lugar, faz convergir todos êsses temores sôbre o objeto externo, considerado como uma fonte de perigo, e contra o qual são dirigidos seus sentimentos sádicos. Êste mêdo a um objeto parece ter seu ponto de partida na

[17] Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), pág. 31, escreve Freud: "Não estamos ainda em condição de dizer se não é o aparecimento do superego que diferencia o recalcamento primário do recalcamento secundário. De qualquer forma, sabemos que as primeiras crises de angústia da criança, que são extremamente intensas, ocorrem antes que o superego esteja formado; e não é de todo impossível que fatôres quantitativos, como um grau excessivo de excitamento e a ruptura da barreira contra os estímulos, sejam a causa imediata da repressão primária".

[18] O processo pelo qual o objeto é internalizado será discutido mais adiante. Por enquanto basta dizer que, na opinião da autora, o objeto incorporado assume instantâneamente as funções de um superego.

[19] Nas análises de crianças muito pequenas encontramos numerosas representações dessa angústia. Eis um exemplo: um menino de cinco anos imaginava que possuía tôdas as espécies de animais selvagens, como elefantes, leopardos, hienas e lôbos, para ajudá-lo contra os inimigos. Cada animal tinha uma função especial. Os elefantes esmagariam o inimigo até pulverizá-lo, os leopardos o despedaçariam, e as hienas e os lôbos o devorariam. Algumas vêzes imaginava que os animais selvagens que tinha a seu serviço se voltavam contra êle, e esta idéia ocasionava uma forte angústia. Os animais representavam, para o seu inconsciente, as variadas fontes de seu sadismo: os elefantes simbolizavam seu sadismo muscular; as feras que dilaceravam, seus dentes e unhas; e os lôbos, seus excrementos. O temor de que êsses temíveis animais, que êle havia domado, o exterminassem, referia-se ao mêdo de seu próprio sadismo, como perigoso inimigo interno. Lembrarei ao leitor uma expressão corrente, "rebentar de raiva". Em minhas análises de crianças pequenas encontrei muitas vêzes representações da idéia implicada nessa expressão verbal.

realidade externa: efetivamente, à medida que o ego vai se desenvolvendo, paralelamente às suas possibilidades de confrontação com a realidade, a criança aprende a ver em sua mãe uma pessoa que ora lhe concede, ora lhe recusa gratificação; e descobre assim o poder que tem seu objeto sôbre a satisfação de suas necessidades. Outrossim, parece que ela desloca para o seu objeto tôda a carga do mêdo intolerável que lhe inspiram os perigos instintivos, trocando, pois, os perigos internos pelos externos. O ego imaturo procura, então, proteger-se dêsses perigos externos, destruindo o objeto.

Passaremos agora a considerar de que maneira o desvio do instinto de morte para o exterior influencia as relações do bebê com seus objetos, e dá livre curso ao seu sadismo. O crescente sadismo oral atinge o seu apogeu durante e após o desmame, ativando e desenvolvendo ao máximo as tendências sádicas que fluem de diversas fontes. Certas fantasias oral-sádicas, nas quais êle se apodera do seio da mãe sugando e esvaziando seu conteúdo, parecem, devido ao seu caráter bem definido, formar um elo[20] entre o estádio oral de sucção e o estádio oral de morder. Êsse desejo de sugar e esvaziar, primeiramente dirigido ao seio da mãe, em breve se estende para o interior de seu corpo.[21] Em meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), descrevi um estádio precoce de desenvolvimento que é dominado pelas tendências agressivas da criança contra o corpo materno, no qual o desejo predominante é roubar o conteúdo de seu corpo e destruí-lo.

Até onde pudemos notar, a tendência sádica mais estreitamente ligada ao sadismo oral é o sadismo uretral. A observa-

[20] Abraham chamou a atenção para a conduta vampiresca de algumas pessoas e explicou-a como sendo o efeito de uma regressão do sadismo oral para o estádio oral de sucção. ("Oral Erotism and Character", 1924, pág. 401).

[21] Ao discutir êsse tema comigo, Edward Glover sugeriu que o sentimento de vazio no interior de seu corpo, que a criança pequena experimenta em resultado da falta de gratificação oral, pode ser o ponto de partida para as fantasias de assalto ao corpo materno, pois pode dar origem a fantasias de que o corpo da mãe está repleto de todos os alimentos desejados. Revisando as minhas experiências, acredito que sua suposição esteja inteiramente confirmada. Parece-me que ela faz jorrar nova luz sôbre a maneira como é efetuada a transição entre sugar e devorar o seio da mãe e o ataque ao interior de seu corpo. Em relação a êste ponto, o dr. Glover também mencionou a teoria de Radó de um "orgasmo alimentar" ("The Psychic Effects of Intoxicants", 1926), em virtude do qual a gratificação passa da bôca para o estômago e os intestinos.

ção nos mostra que as fantasias de destruição em que a criança inunda, submerge, encharca, queima e envenena por meio de enormes quantidades de urina, constituem uma reação sádica à privação de alimento líquido infligida pela mãe e são finalmente dirigidas contra o seio materno. A êsse respeito gostaria de sublinhar a enorme importância, até agora pouco reconhecida, do sadismo uretral no desenvolvimento da criança.[22] As fantasias, familiares aos analistas, de inundação e destruição de coisas por meio de grandes quantidades de urina,[23] e a relação, geralmente mais conhecida, entre brincar com fogo e molhar a cama,[24] são apenas os sinais mais visíveis e menos recalcados dos impulsos ligados à função urinária. Tanto nas análises de pacientes adultos quanto de crianças, tenho deparado constantemente com fantasias nas quais a urina foi imaginada como um líquido corrosivo, dissolvente e corruptor, e como um veneno secreto e insidioso. Essas fantasias sádico-uretrais são em grande parte responsáveis pelo fato de se atribuir ao pênis o significado inconsciente de instrumento de crueldade, e pelas perturbações na potência sexual do homem. Em numerosos casos constatei que a enurese devia-se a fantasias desta classe.

Qualquer outro meio de ataque sádico que a criança empregue, como sadismo anal ou muscular, tem por primeiro objeto o seio frustrador da mãe; mas em breve dirige-se para o interior de seu corpo, que se converte assim no alvo dos ataques sádicos oriundos de tôdas as fontes e elevado ao mais alto grau de intensidade. Ao analisarmos criancinhas muito pequenas, constatamos que os desejos de destruição alternam-se constantemente entre desejos anal-sádicos, desejos de devorar o corpo da mãe e de impregná-lo de urina; mas o intuito primitivo,

[22] Em seu trabalho "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes" (1920), em relação com um caso de sadismo uretral fortemente desenvolvido, Abraham afirma que nas pessoas neuróticas "observamos que as funções e os produtos da bexiga e do intestino são utilizados como veículos de impulsos hostis" (pág. 319).

[23] Vide em especial Freud, *The Interpretation of Dreams* (1900) e *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* (1905); igualmente Sadger, "Uber Urethralerotik" (1910); Abraham, "Ejaculatio Praecox" (1917) e "The Narcissistic Evaluation of Excretory Processes" (1920), e Rank, "Psychoanalytische Beiträge zur Mythenforschung" (1919).

[24] Vide as observações de Freud a êsse respeito em seu trabalho "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria" (1905).

que consiste em devorar e destruir seu seio, permanece sempre perceptível.[25]

Os ataques sádicos imaginários da criança contra o interior do corpo da mãe predominam na fase que se inicia com o estádio oral-sádico de desenvolvimento e que se encerra com o declínio do estádio anal-sádico primário; o sadismo, nas variadas manifestações que correspondem às suas diferentes origens, atinge então sua intensidade máxima.

A obra de Abraham demonstra que o prazer que o bebê sente em morder não é devido apenas à gratificação libidinal de suas zonas erógenas, mas está em conexão com desejos destrutivos violentos, que visam danificar ou aniquilar seu objeto. Isso se torna ainda mais verdadeiro na fase de exacerbação do sadismo. A idéia de um bebê de seis a doze meses tentando destruir sua mãe por todos os métodos à disposição de suas tendências sádicas — com os dentes, unhas, excrementos e com a totalidade de seu corpo, transformado, em imaginação, em todos os tipos de armas perigosas — apresenta ao nosso espírito um quadro horripilante, para não dizer inacreditável. E é difícil, como bem sei por experiência, chegar a reconhecer que uma idéia tão abominável possa corresponder à verdade. Mas a abundância, a fôrça e a multiplicidade das crueldades imaginárias que acompanham êsses desejos, evidenciam-se perante os nossos olhos durante a análise da criança pequena tão nítida e vigorosamente, que não deixam lugar a dúvidas. Já nos familiarizamos com as fantasias sádicas da criança que culminam no canibalismo e isso torna mais fácil para nós aceitarmos o fato de que, quando

[25] Em seu trabalho "A Short Study of the Development of the Libido" (1924) pág. 47, Abraham assinala que as fantasias criminais dos pacientes maníacos são em sua maior parte dirigidas contra a mãe, e cita o exemplo impressionante de um paciente que se identificava, em sua imaginação, com o imperador Nero, que matou sua genitora e queria incendiar Roma (símbolo da mãe). Mas segundo Abraham, êsses impulsos destrutivos do filho contra a mãe têm um caráter secundário, sendo originalmente dirigidos contra o pai. Em minha opinião, êsses ataques ao corpo materno têm sua origem nos ataques oral-sádicos contra o seu seio, e são, portanto, primários; mas à medida que são reforçados pelo ódio original contra o pênis paterno, que o paciente imagina encontrar-se no interior do corpo da mãe, os impulsos centralizam-se no objeto materno, culminando com sua destruição. Ademais, se forem dirigidos contra o pai em medida suficiente, poderão influenciar todo o curso de seu conflito edípico. Portanto, é exato dizer que o ódio primário do filho contra o pai é em parte deslocado para a mãe. No capítulo 12 discutiremos detalhadamente o significado dêsse deslocamento no desenvolvimento sexual do menino.

seus métodos de ataque sádico se ampliam, suas fantasias sádicas também ganham em plenitude e vigor. Êsse elemento de *intensificação* do impulso parece-me ser a chave de tôda a questão. Se o que intensifica o sadismo é a frustração libidinal, torna-se-nos prontamente compreensível que as necessidades destrutivas, que estão fundidas às libidinais e não podem ser satisfeitas — sobretudo as necessidades oral-sádicas — conduzam a uma intensificação ulterior do sadismo e a uma ativação de todos os seus métodos.

Descobrimos, ademais, na análise de uma criança pequena, que a frustração oral desperta nela o conhecimento inconsciente dos prazeres sexuais de que gozam os seus pais, e a crença provisória de que êsses prazeres sejam de cunho oral. Sob a pressão de suas próprias frustrações, essas fantasias provocam nela, com referência aos pais, um sentimento de inveja que, por sua vez, dá lugar ao ódio. Seu desejo de esvaziar e sugar o conteúdo do seio materno a induz agora a desejar chupar e devorar todos os líquidos e outras substâncias que os pais (ou melhor, seus órgãos) contêm, inclusive os que receberam um do outro durante a copulação oral.[26] Freud demonstrou que as teorias sexuais das crianças são uma herança filogenética e, pelo que foi dito acima, parece que o conhecimento inconsciente do intercâmbio sexual entre os pais, juntamente com as fantasias correspondentes, já se verifica nesse estádio muito precoce de desenvolvimento. A inveja oral é uma das fôrças motivacionais que impele as crianças de ambos os sexos a desejarem penetrar no corpo de sua mãe e que desperta o instinto epistemofílico aliado a êsse desejo.[27] Todavia, os impulsos destrutivos em breve deixam de ser dirigidos ùnicamente contra a mãe para se estenderem também ao pai. De fato, a criança imagina que o pênis paterno foi incorporado pela genitora durante o coito oral permanecendo em seu interior (sendo que o pai é equipado com um grande número de pênis); destarte, os ataques

[26] Numa breve comunicação, "A Paranoic Mechanism as seen in the Analysis of a Child" (1928), M. N. Searl relatou um caso de intensas fantasias oral-sádicas dêsse tipo, nas quais o desejo de sugar do pai o que êste havia retirado do seio da mãe, associaram-se a mecanismos paranóicos. O grande poder exercido pelas fantasias dêsse gênero, que estão relacionadas com um intenso sadismo oral e que, conseqüentemente, preparam o caminho para impulsos particularmente agressivos contra o interior do corpo da mãe, é, segundo minha experiência, característico dos distúrbios psicóticos.

[27] Cf. Abraham, "Psycho-Analytical Studies on Character-Formation" (1925).

contra o corpo materno também se destinam ao pênis que ela abriga.

Penso que o motivo pelo qual o menino, nas camadas mais profundas do seu psiquismo, sente tão terrível pavor de sua mãe como castradora, e abriga a idéia, tão ìntimamente associada a êsse pavor, da "mulher com pênis", é porque a teme como pessoa cujo corpo contém o pênis do pai; de sorte que, o que êle realmente receia, é o pênis do pai incorporado na mãe.[28] Acredito que o deslocamento dos sentimentos de ódio e de angústia do pênis do pai para o corpo da mãe que o abriga, é muito importante na etiologia dos distúrbios mentais e constitui-se numa das causas mais profundas das perturbações do desenvolvimento sexual e da homossexualidade do indivíduo masculino.[29] A meu ver, o pavor ao pênis imaginário da mãe constitui um passo intermediário nesse processo de deslocamento. Desta maneira o menino modifica o mêdo maior que lhe inspira o pênis do pai contido no corpo de sua mãe; e é efetivamente um mêdo esmagador, pois nessa etapa de desenvolvimento aplica-se o princípio do *pars pro toto* e o pênis representa a pessoa do pai. Assim, o pênis contido no interior da genitora representa o pai e a mãe reunidos em uma única pessoa,[30] e esta combinação é considerada particularmente ameaçadora e aterrorizante. Nesse período, como já foi assinalado, a intensidade máxima do sadismo da criança centraliza-se no coito dos pais. Os desejos de morte que forma contra ambos durante a cena primária ou em suas fantasias primárias, estão associados a fantasias sádicas extraordinàriamente ricas em conteúdo, e im-

[28] Em seu trabalho "Homosexualität und Ödipuskomplex" (1926), Feliz Boehm frisa o significado das fantasias freqüentemente encontradas nos homens, nas quais o pênis do pai foi retirado pela mãe após a copulação e se acha oculto em sua vagina. Êle também sustenta que "as diversas noções concernentes a um pênis feminino oculto exercem uma influência patológica, em virtude de haverem entrado em relação inconsciente com a idéia de um pênis enorme e temível, pertencente ao pai, e que se acha oculto no interior da mãe". Na literatura psicanalítica são freqüentes as menções de fantasias do encontro do pênis paterno no ventre da mãe, ou onde o paciente é espectador da relação sexual dos genitores, ou é danificado por essa relação durante sua vida intra-uterina.

[29] Vide capítulo 12.

[30] Durante a análise de meninos, tenho notado inúmeras vêzes que as tentativas de ataque contra mim dirigiam-se mais especialmente contra minha cabeça, meus pés ou meu nariz; descobri que não era o pênis feminino que estava sendo atacado, mas o pênis do pai, que fôra incorporado em mim ou afixado à minha pessoa.

plicam na destruição sádica dos pais, tanto individualmente como em conjunto.

Em outras fantasias, cuja variedade é tão considerável como os efeitos, são os pais que se destroem recìprocamente por meio de seus órgãos genitais e de seus excrementos, considerados como armas perigosas. Assim, o pênis incorporado pela mãe converte-se em animal perigoso ou em armas carregadas de substâncias explosivas, ou então é a vagina que se transforma em animal perigoso ou em algum instrumento de morte, como por exemplo uma ratoeira envenenada. Como essas fantasias são optativas, e como suas teorias sexuais são largamente alimentadas por desejos sádicos, a criança tem um sentimento de culpa pelos danos que, em sua imaginação, os pais se infligem mùtuamente.

Além do aumento quantitativo que o sadismo da criança sofre em todos os seus pontos de origem, efetuam-se modificações qualitativas que contribuem para realçá-lo ainda mais. Na última parte da fase sádica, os ataques imaginários da criança contra o seu objeto, que são de natureza extremamente violenta e executados com todos os recursos à disposição de seu sadismo, ampliam-se para incluir métodos mais apurados e discretos, que os tornam ainda mais perigosos. Na primeira parte desta fase, em que reina a franca violência, os excrementos são considerados como instrumentos de assalto direto; mas posteriormente adquirem o significado de substâncias de caráter explosivo ou venenoso. Todos êsses elementos reunidos geram as fantasias sádicas, cujo número, variedade e riqueza é quase que inexaurível. De mais a mais, êsses impulsos sádicos contra o pai e a mãe em cópula levam a criança a esperar uma punição conjunta de ambos os genitores. Neste estádio precoce, todavia, a angústia contribui para intensificar o sadismo e aumentar o impulso de destruir o objeto perigoso, de sorte que a criança acumula uma quantidade ainda maior de desejos sádicos e destrutivos para descarregar sôbre a imagem dos pais combinados; correspondentemente, exacerba-se o mêdo que êles, como entidade hostil, lhe inspiram.

De acôrdo com meu ponto de vista, o conflito edípico infiltra-se no menino assim que êste começa a alimentar sentimentos de ódio contra o pênis do pai e a querer consumar a união genital com a mãe para destruir o pênis de seu pai, que êle imagina encontrar-se no interior do corpo materno. Considero que

êsses primeiros impulsos e fantasias genitais, apesar de surgirem durante a fase dominada pelo sadismo, constituem, para crianças de ambos os sexos, os primeiros estádios do conflito edípico, porque satisfazem aos critérios comumente adotados.

Embora os impulsos pré-genitais da criança ainda estejam em ascensão, ela já começa a sentir, além dos desejos orais, uretrais e anais, desejos genitais pelo genitor do sexo oposto, e ciúme e ódio pelo genitor do mesmo sexo, e a sofrer um conflito entre seu amor e seu ódio pelo último. Podemos mesmo chegar ao ponto de dizer que o conflito edípico deve sua agudeza a esta situação precoce. A menina pequena, por exemplo, ao passo que se afasta da mãe com sentimentos de ódio e de decepção, dirigindo seus desejos orais e genitais para o pai, permanece ligada à genitora pelos poderosos laços de suas fixações orais e por seu estado de dependência; e o menino, que é atraído para o pai por sua fixação oral positiva, ao mesmo tempo o repele com os sentimentos de ódio que nascem dessa primitiva situação edípica. Mas nesse estádio de desenvolvimento o conflito ainda não é tão claramente visível como o será mais tarde. A meu ver, isto se deve em parte ao fato de que a criança pequena dispõe de menos meios para exprimir suas emoções, e de que suas relações com os objetos são ainda vagas e confusas. Uma parte de suas reações aplica-se aos objetos de sua fantasia;[31] é contra êstes e, em particular, contra os objetos internalizados que ela dirige a maior parte de sua angústia e de seu ódio, de sorte que sua atitude para com os pais apenas reflete parcialmente as dificuldades que ela encontra em suas relações objetais. Mas essas dificuldades exprimem-se de muitas outras maneiras. Minha experiência me diz que os terrores noturnos, por exemplo, e as fobias das criancinhas já se devem invariàvelmente à presença de um conflito edípico.

Não creio que se possa fazer uma distinção muito precisa

[31] Discutiremos mais adiante as diversas direções para onde fluem as relações objetais da criança. Ela atribui aos seus objetos imaginários não sòmente sentimentos de ódio e de angústia, mas também sentimentos positivos. Agindo desta maneira, ela afasta os objetos imaginários do objeto real, e se suas relações com os objetos imaginários forem muito intensas, tanto em sentido negativo quanto positivo, não conseguirá entrar em relação adequada nem com as fantasias sádicas ou reparadoras nem com os objetos reais; em resultado, haverá perturbações em sua adaptação à realidade e em suas relações objetais.

entre os primeiros estádios do conflito edípico e os ulteriores.[32] Desde que, conforme o demonstram as minhas observações, os impulsos genitais se estabelecem ao mesmo tempo que os pré-genitais, aos quais influenciam e modificam; e desde que, como resultado dessa associação, êles mesmos ostentam vestígios de certos impulsos pré-genitais, mesmo nos estádios ulteriores de desenvolvimento, a entrada no estádio genital significa simplesmente que houve um fortalecimento dos impulsos genitais. Esta fusão dos impulsos genitais e pré-genitais é confirmada por um fato bastante conhecido: quando a criança assiste à cena primária ou tem fantasias primárias — ambos eventos de caráter genital — sente impulsos pré-genitais muito poderosos, como urinar na cama e defecar, acompanhados de fantasias sádicas dirigidas contra os pais em cópula.

De acôrdo com o que tenho observado, as fantasias masturbatórias infantis têm como núcleo as primeiras fantasias sádicas, centralizadas no coito dos pais. São êsses impulsos destrutivos, fundidos aos libidinais, que induzem o superego a levantar defesas contra as fantasias masturbatórias e, incidentalmente, contra a masturbação em si. O sentimento de culpa da criança relacionado com sua primitiva masturbação genital, deriva, portanto, das fantasias sádicas dirigidas contra os pais. E como, ademais, essas fantasias masturbatórias contêm a essência de seu conflito edípico, podendo, por conseguinte, ser consideradas como o ponto focal de tôda a sua vida sexual, a culpabilidade devida aos impulsos libidinais é, na realidade, uma reação aos impulsos destrutivos a elas entrelaçados.[33] Caso a assertiva seja verdadeira, não seriam as tendências incestuosas a gerar o sentimento de culpa em primeiro lugar; o próprio temor ao incesto resultaria definitivamente dos im-

[32] Não creio, por exemplo, que Fenichel tenha razão ao diferençar os "precursores pré-genitais do complexo de Édipo" do complexo de Édipo pròpriamente dito, como faz em seu trabalho "Pregenital Antecedents of the Oedipus Complex" (1930).

[33] Num trabalho, "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", lido por mim perante o Congresso Psicanalítico de Oxford em 1929, declarei o seguinte: "É sòmente nos últimos estádios do conflito edípico que surge a defesa contra os impulsos libidinais; nos primeiros estádios, é contra os impulsos *destrutivos* que os acompanham, que a defesa é dirigida".

No mesmo Congresso, Ernest Jones, em seu trabalho "Fear, Guilt and Hate", ressaltou a importância das tendências agressivas no aparecimento do sentimento de culpa.

pulsos destrutivos, que entraram em associação permanente com os primeiros desejos incestuosos infantis.

Se estamos certos ao supor que as tendências edípicas se estabelecem na fase de exacerbação do sadismo, somos levados a aceitar a hipótese de que são sobretudo os impulsos de ódio que provocam o conflito edípico e a formação do superego, governando os primeiros e mais decisivos estádios de ambos. Essa tese, embora possa, à primeira vista, parecer contrária à teoria aceita da psicanálise, enquadra-se, não obstante, dentro do nosso conhecimento do fato de que a libido evolui para o estádio genital a partir dos estádios pré-genitais. Freud assinalou em diversas oportunidades que, no desenvolvimento do indivíduo, o ódio precede o amor. Em "Instincts and their Vicissitudes" (1915), diz êle: "A relação de ódio para com o objeto é mais antiga que a do amor. Deriva do repúdio primário do mundo externo por parte do eu narcísico, mundo de onde flui a torrente de estímulos" (pág. 82). E mais adiante: "O ego odeia, abomina e persegue com o intento de destruir todos os objetos que constituem para êle uma fonte de sentimentos dolorosos, sem considerar se significam para êle a frustração do prazer sexual ou a gratificação das necessidades de autopreservação" (pág. 81).[34]

Segundo a teoria ortodoxa, a formação do superego tem início na fase fálica. Em "Passing of the Oedipus Complex" (1924), Freud afirma que o superego é o herdeiro do complexo de Édipo, ao qual substitui quando êste desmorona. Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), lemos: "Nas zoofobias, a angústia é uma reação eficaz do ego ao perigo que o cerca, ou seja, à ameaça de castração. Não existe diferença entre essa angústia

[34] Em sua obra *Civilization and its Discontents* (1929), vai ainda mais longe, dizendo: "Êsse instinto" (de agressão)... "reside no fundo de tôdas as relações de afeição e de amor entre os sêres humanos — possìvelmente com a exceção única da mãe para com o filho varão" (pág. 89). Meu ponto de vista, de que o conflito edípico tem início sob o primado do sadismo, parece-me suplementar o que diz Freud, pois nos dá uma razão a mais para crer que o ódio seja a base das relações de objeto. Esta razão está no fato de que a criança forma sua relação com os pais — relação tão fundamental e decisiva para suas futuras relações objetais — durante a época em que as tendências sádicas se encontram em seu ponto culminante. O sentimento de ambivalência para com o seio da mãe, na qualidade de objeto primeiro, é reforçado pelo incremento da frustração oral e pelo aparecimento de seu conflito edípico, que irá aumentando até o desenvolvimento máximo de seu sadismo.

e a angústia que o ego normalmente sente em situações de perigo real, exceto que seu conteúdo permanece inconsciente e só pode ser percebido de forma distorcida". Segundo essa hipótese, a angústia que afeta as crianças até o princípio do período de latência, seria devida, para o menino, ao mêdo de ser castrado, e para a menina, ao mêdo da perda do amor; o superego não começaria a formar-se antes de ultrapassados os estádios pré-genitais, e resultaria de uma regressão ao estádio oral. Em *The Ego and the Id* (1927) Freud diz que "no princípio, durante a fase oral primitiva da existência do indivíduo, é difícil distinguir a catexis de objeto da identificação" (pág. 35); e o superego "é na realidade o resíduo da primeira catexis de objeto do id, o herdeiro do complexo de Édipo após a dissolução dêste último".[35]

Minhas próprias observações levaram-me a crer que a formação do superego é um processo bem mais simples e direto. O conflito edípico e a formação do superego iniciam-se, penso eu, sob a supremacia dos impulsos pré-genitais; os objetos que foram introjetados na fase oral-sádica — as primeiras catexis de objeto e identificações — assinalam o comêço do superego primitivo.[36] De mais a mais, o que origina a formação do superego e rege seus primeiros estádios são os impulsos destrutivos e a angústia que despertam. Ao considerarmos, pois, os impulsos do indivíduo como sendo o fator fundamental para a formação de seu superego, não negamos a importância dos objetos nesse processo; apenas encaramos a questão sob uma outra luz. As primeiras identificações da criança refletem os objetos de maneira irreal e distorcida. Como sabemos por Abraham, num estádio muito precoce de desenvolvimento, tanto os objetos reais como os introjetados são representados sobretudo por seus órgãos. Sabemos também que o pênis paterno é um objeto de angústia por excelência, e que é comparado, no inconsciente, a armas perigosas de vários tipos e a terríveis animais vorazes e peçonhentos, ao passo que a vagina representa uma abertura perigosa.[37] A análise das crianças pequenas mostra que essas

[35] *Die Frage der Laienanalyse* (1926), § 74.

[36] Em seu artigo "Privation and Guilt" (1929), Susan Isaacs assinala que a "identificação primária" de Freud tem, provàvelmente, um papel muito maior na formação do superego do que o que lhe foi atribuído originalmente.

[37] Cf. a fantasia, tão freqüentemente citada na literatura psicanalítica, da *vagina dentata*.

equações resultam de um mecanismo universal, de fundamental importância para a estrutura do superego. Pelo que me é dado julgar, o núcleo do superego deverá ser encontrado na incorporação parcial que se efetua na fase canibal de desenvolvimento;[38] e as primeiras imagos infantis recebem a marca dêsses impulsos pré-genitais.[39]

Que o ego deve considerar o objeto internalizado como um inimigo cruel do id, deduz-se lògicamente do fato de que o instinto destrutivo que o ego desviou para o mundo exterior, voltou-se contra o objeto; em conseqüência, só se pode esperar hostilidade da parte dêste contra o id. Mas, pelo que nos é dado observar, também um fator filogenético se acha presente na origem da intensa angústia precoce que, segundo minha experiência, a criança sente em relação ao objeto internalizado. O pai da horda primitiva era o poder exterior, que forçava a inibição dos instintos.[40] No curso da história do homem, o mêdo inspirado por êsse pai adquirido seria parcialmente utilizado, quando êle começasse a internalizar seu objeto, como defesa contra a angústia originada por seu instinto de destruição.[41] Com referência à formação do superego, Freud parece

[38] No próximo capítulo e mais especialmente no capítulo 11, procurarei demonstrar que a criança introjeta tanto as imagos boas como as más, e que, gradualmente, à medida que se processa sua adaptação à realidade e a formação de seu superego, essas imagos vão se aproximando cada vez mais dos objetos reais que representam. Neste capítulo pretendo apenas apresentar um quadro do desenvolvimento das tendências sádicas da criança e sua conexão com a formação do superego primitivo e das situações de angústia.

[39] Em meu artigo "Early Stages of the Oedipus Conflict" (1928), escrevi: "Não nos parece compreensível que uma criança de, digamos, quatro anos de idade, forme em seu espírito uma imagem irreal e fantástica de pais que mordem, despedaçam e devoram. Contudo, *parece-nos* compreensível que numa criança de um ano de idade, a angústia gerada pelo comêço do conflito edípico tome a forma de um terror de ser devorada e destruída. A própria criança deseja destruir seu objeto libidinal mordendo-o, devorando-o e despedaçando-o, e isto gera angústia, uma vez que, ao despertar das tendências edípicas segue-se a introjeção do objeto, que então se converte num objeto de quem se deve esperar castigo. A criança teme agora uma punição correspondente à sua ofensa, e o superego converte-se em algo que morde, despedaça e devora".

[40] Cf. Freud, *Totem und Tabu* (1912).

[41] O ego, por assim dizer, lançaria seus dois inimigos, o objeto e o instinto destrutivo, um contra o outro, embora com isso viesse a encontrar-se numa posição muito arriscada, entre as duas fôrças opostas. O fato dêsse mêdo ao pai servir em parte de proteção contra o instinto destrutivo, pode ser devido à admiração por seu poder, que cada indivíduo adquiriria por via filogenética. Essa

seguir duas linhas de pensamento, que até certo ponto se complementam. Segundo uma, a severidade do superego seria derivada da severidade do pai real, cujas ordens e proibições o superego repetiria.[42] Segundo a outra, enunciada em uma ou duas passagens de suas obras, a severidade do superego seria uma conseqüência dos impulsos destrutivos do sujeito.[43]

possibilidade é apoiada pelo fato de que na análise de crianças muito pequenas de ambos os sexos, verificamos que apesar de temerem o pai, sentem infinita admiração por seu poder, sentimento êste extremamente profundo e de caráter primário. Lembremo-nos outrossim que, à medida que as crianças crescem, o papel desempenhado pelo superego, embora sendo o de um pai severo, não é o de um pai mau. Freud conclui seu ensaio sôbre o "Humour" (1928) com as seguintes palavras: "Finalmente, se o superego tenta confortar o ego por meio do humor e protegê-lo do sofrimento, isso não entra em conflito com sua derivação da instituição parental".

[42] Em seu trabalho "Passing of the Oedipus Complex" (1924), Freud diz que o ego da criança abandona o complexo de Édipo em conseqüência da ameaça de castração. "A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego, lá formando a semente do superego, o qual adquire sua severidade do pai e perpetua a proibição do incesto; dessa maneira assegura o ego contra o retôrno da catexis de objeto libidinal" (pág. 273). Em *The Ego and the Id* (1926) lemos: "Sua relação (do superego) com o ego não se limita ao preceito: '*Deves ser* assim e assim' (como teu pai); mas também implica na proibição: '*Não deves* ser assim (como teu pai); isto é, não podes fazer tudo o que êle faz; muitas coisas são prerrogativas dêle'. Êsse duplo aspecto do ego ideal deriva do fato de que o ego ideal tem a tarefa de efetuar a repressão do complexo de Édipo; de fato, é a êsse evento revolucionário que êle deve sua existência. Claro está que recalcar o complexo de Édipo não foi emprêsa fácil. Havendo reconhecido nos pais e sobretudo no pai, um obstáculo à realização dos desejos relacionados com o complexo de Édipo, o ego infantil, a fim de facilitar êsse esfôrço de recalcamento, e a fim de aumentar seus recursos e seu poder de ação em vista dêsse esfôrço, criou em si mesmo tal obstáculo. A energia para isso, por assim dizer, foi tomada de empréstimo ao pai, e êsse empréstimo foi um ato de extraordinárias conseqüências. O superego se esforçará por reproduzir e conservar o caráter do pai, e quanto mais forte fôr o complexo de Édipo e quanto mais ràpidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade, do ensinamento religioso, da instrução e da leitura), tanto mais rigoroso será o domínio do superego sôbre o ego, em forma de consciência moral ou talvez de um sentimento inconsciente de culpa. Mais adiante tentaremos formular algumas conjeturas a respeito da fonte de onde o superego extrai a fôrça que lhe permite exercer tal domínio e o caráter coercitivo que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico" (pág. 44).

[43] Em *The Ego and the Id* (1926), diz êle: "Cada uma dessas identificações tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo de uma sublimação. Ora, parece que quando se verifica uma transformação dêsse tipo, ocorre ao mesmo tempo uma dissociação dos instintos. Após a sublimação, o componente erótico não tem mais a fôrça necessária para aglutinar todos os elementos destrutivos que se encontravam prèviamente conjugados a êle, e êstes são liberados sob a forma de uma tendência à agressividade e à destruição. Essa dissociação seria a fonte do

A psicanálise não seguiu a segunda linha de pensamento. Como o demonstra sua literatura, ela adotou a teoria de que o superego é derivado da autoridade parental e fêz dessa teoria a base de tôdas as pesquisas posteriores na matéria. Não obstante, Freud, recentemente, confirmou em parte meu ponto de vista,[44] que releva a importância dos impulsos do próprio indivíduo como fator na origem do superego e do fato de que o superego não é idêntico aos seus objetos reais.[45]

Passarei a denominar as primeiras identificações da criança de "primeiros estádios da formação do superego", da mesma maneira que empreguei a denominação "primeiros estádios do conflito edípico". Nos primeiros estádios de desenvolvimento, a cristalização das catexias objetais exerce um tipo de influência que a caracteriza como um superego, se bem que difiram, em qualidade e modo de atuação, das identificações pertencentes aos estádios ulteriores. E por mais cruel que seja êsse superego formado sob a supremacia do sadismo, toma, não obstante, a defesa do ego contra o instinto destrutivo, constituindo-se já, nesse estádio primitivo, no agente do qual procedem as inibições instintivas.

Em seu artigo "Die Identifizierung" (1926), Fenichel aplicou certos critérios que diferenciam os "precursores do superego" — como denominou a essas primeiras identificações seguindo uma sugestão de Reich[46] — do superego em si. De acôrdo com Fenichel, êsses precursores são esporádicos, independentes

caráter geral de rigidez e crueldade apresentado pelo ideal, com seu imperioso 'tu deves'" (pág. 80).

[44] Em *Civilization and its Discontents* (1930) lemos: "A experiência demonstrou, todavia, que o superego da criança não corresponde absolutamente à severidade do tratamento a que foi exposta" e que "a severidade original do superego não representa — ou pelo menos não representa tanto — a severidade que foi experimentada ou antecipada por parte do objeto, mas exprime a própria agressividade da criança contra êste último" (pág. 116).

[45] Meus pontos de vista coincidem com os de Ernest Jones, Edward Glover, Joan Riviere e M. N. Searl que, abordando o assunto de ângulos diferentes, chegaram à conclusão de que as primeiras fantasias da criança e o despertar de seu desenvolvimento libidinal têm um papel relevante na evolução do superego. Cf. meu artigo "A Symposium on Child Analysis" (1926), assim como o artigo de Ernest Jones "The Origin and Structure of the Super-Ego" (1926), no qual êle assinala: "Tudo nos leva a crer que o conceito do superego é um ponto nodal onde devemos esperar encontrar, por um lado, todos os obscuros problemas do complexo de Édipo e do narcisismo e, por outro, os do ódio e do sadismo" (pág. 304).

[46] Cf. Reich, *Der Triebhafte Charakter* (1925).

uns dos outros, e carecem da unidade, da severidade e da oposição ao ego, da qualidade de serem inconscientes e do grande poder que caracteriza o verdadeiro superego, herdeiro do complexo de Édipo. Essa diferenciação é a meu ver inexata em diversos pontos. Até onde me foi dado observar, é precisamente êsse superego primitivo que é de uma severidade tôda particular; e, normalmente, em nenhum período da existência a oposição entre o ego e o superego é tão intensa como na primeira infância. Ademais, êsse último fato explica a razão pela qual a tensão entre essas duas instâncias psíquicas é, durante os primeiros anos, sentida sobretudo como angústia. Constatei ainda que as exigências e proibições do superego não são menos inconscientes na criança pequena do que no adulto, e que não são absolutamente idênticas às que emanam dos objetos reais. Fenichel tem razão, penso eu, ao afirmar que o superego infantil ainda não é tão rigorosamente organizado como o do adulto. Mas êsse ponto de diferenciação, além de não ser uma verdade universal, uma vez que muitas crianças pequenas apresentam um superego bem organizado e muitos adultos um superego disperso, parece-me estar meramente em conformidade com o grau menor de coesão mental da criança pequena, quando comparada ao adulto. Sabemos que o ego da criança pequena não é tão altamente organizado quanto o da criança no período de latência; mas nem por isso diremos que ela não tem ego, e sim apenas precursores de um ego.

Já sabemos que na fase de exacerbação do sadismo o aumento das tendências sádicas produz um incremento de angústia. As ameaças proferidas pelo superego primitivo contra o id contêm tôda a série detalhada de fantasias sádicas que foram dirigidas contra o objeto, de sorte que cada uma delas se encontra agora voltada contra o ego. Assim, a pressão exercida pela angústia nesse estádio precoce corresponderá quantitativamente ao grau de sadismo originalmente presente, e, qualitativamente, à variedade e riqueza das fantasias sádicas que a acompanham.[47]

A superação gradual do sadismo e da angústia é resultado do desenvolvimento da libido.[48] Mas é justamente o excesso

[47] Cf. meu artigo "Infantile Anxiety-Situations Reflected in a Work of Art" (1929).

[48] Vide o próximo capítulo, onde êste ponto é discutido detalhadamente.

de angústia que impele o indivíduo a superá-la. A angústia auxilia as diversas zonas erógenas a progredirem e a atingirem preponderância, uma após a outra. Assim, à supremacia dos impulsos oral-sádicos e uretral-sádicos, segue-se a supremacia dos impulsos anal-sádicos. E como os mecanismos pertencentes ao primeiro estádio anal-sádico, por mais poderosos que possam ser, já estão agindo em prol das defesas que haviam sido erigidas contra a angústia oriunda dos anteriores períodos da fase sádica, segue-se que essa mesma angústia, que é um agente preeminentemente inibidor do desenvolvimento do indivíduo, seja também um fator de importância fundamental para promover o progresso de seu ego e de sua vida sexual.

Nesse estádio, os métodos de defesa são proporcionais à pressão exercida pela angústia e extremamente violentos. Sabemos que o que a criança ejeta em seu primeiro estádio anal-sádico é o seu objeto, às vêzes percebido como algo hostil, e que ela assemelha aos seus excrementos. A meu ver, ela já está ejetando o terrífico superego introjetado no estádio oral-sádico de desenvolvimento. Assim, essa ejeção é uma defesa que o ego, sob o domínio do mêdo, utiliza contra o superego; êle expele os objetos internalizados, projetando-os no mundo exterior. No indivíduo, os mecanismos de projeção e expulsão estão estreitamente ligados ao processo da formação do superego. Assim como o ego procura defender-se do superego ejetando-o violentamente e destruindo-o, assim também, premido pelas ameaças dêsse superego, êle tenta desembaraçar-se de seu id sádico — isto é, de suas tendências destrutivas — pelo mesmo método de expulsão pela fôrça. Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) Freud diz que o conceito geral de defesa "convém perfeitamente para todos os métodos empregados pelo ego nos conflitos que podem levar a uma neurose; ao passo que o conceito de recalcamento deveria ser reservado àquele meio de defesa particular que nossa investigação nos levou a descobrir primeiro" (pág. 106). Além disso afirma explìcitamente a possibilidade de "que o recalcamento seja um processo adaptado à organização genital da libido e que o ego se volta para outros meios de defesa quando tem de proteger-se da libido em outros estádios de sua organização" (pág. 65). Meu ponto de vista é também corroborado por Abraham numa passagem na qual declara que "a tendência a poupar o objeto

e a preservá-lo surgiu de uma tendência destrutiva anterior, graças a um processo de recalcamento".[49]

Quanto à linha divisória entre o primeiro e o segundo estádio anal-sádico, o mesmo autor escreve o seguinte: "Ao considerarmos essa linha divisória como extremamente importante, estamos de acôrdo com o ponto de vista médico corrente, pois a divisão que nós, psicanalistas, fizemos apoiados em dados empíricos, coincide efetivamente com a classificação em neuroses e psicoses feita pela medicina clínica. Mas os analistas, naturalmente, jamais tentariam fazer um separação rígida entre as afecções neuróticas e psicóticas. Pelo contrário, êles sabem que a libido de qualquer indivíduo pode regredir para além dessa linha divisória entre as duas fases anal-sádicas, caso se produza uma circunstância suscetível de provocar a enfermidade, e caso o desenvolvimento libidinal comporte certos pontos de fixação que facilitem uma regressão dessa natureza".[50]

Como bem o sabemos, não é na estrutura de seu psiquismo que o homem normal difere do neurótico, mas nos fatôres quantitativos que se acham em jôgo. As citações supra de Abraham implicam em que a diferença entre os indivíduos psicóticos e os neuróticos é também uma questão de grau. Meu próprio trabalho psicanalítico com crianças convenceu-me que os pontos de fixação para as psicoses residem nos estádios de desenvolvimento que precedem o segundo nível anal, e que também as crianças, tanto neuróticas como normais, possuem pontos de fixação nesse nível, embora em grau menor.

Sabemos que o psicótico sofre de uma quantidade muito maior de angústia que o neurótico; no entanto, a teoria aceita da formação do superego não nos oferece nenhuma explicação para o fato de que uma angústia tão esmagadora possa vir a existir nesses estádios muito primitivos de desenvolvimento, nos quais, segundo Freud e Abraham, estão situadas as fixações para as psicoses. As últimas teorias de Freud, expostas em *Hemmung, Symptom und Angst* (Inibição, Sintoma e Angústia), excluem a possibilidade de que essa imensa quantidade de angústia possa nascer da conversão da libido insatisfeita. Tampouco podemos pressupor que o temor da criança de ser devorada, despedaçada e morta pelos pais seja um temor real.

---

49 "A Short Study of the Development of the Libido" (1924), pág. 428.

50 *Ibid.*, pág. 433.

Mas se supusermos que essa excessiva angústia só pode ser efeito de processos intrapsíquicos, não estaremos tão distanciados da teoria exposta nestas páginas, de que a angústia primitiva resulta da pressão do superego. A pressão que o superego exerce sôbre as tendências destrutivas num estádio precoce do desenvolvimento infantil, não responde sòmente, em natureza e intensidade, às suas fantasias sádicas; ela também provoca situações de angústia que refletem os diferentes períodos abarcados pela fase sádica. Ademais, essas situações de angústia, que são de uma importância decisiva para o desenvolvimento geral do indivíduo, suscitam mecanismos especiais de defesa por parte do ego e determinam o caráter específico que assumirá o seu distúrbio psicótico.[51]

Todavia, antes de empreendermos o estudo das relações entre as primeiras situações de angústia e o caráter específico das afecções psicóticas, voltemos primeiramente nossa atenção para a maneira como a formação do superego e o desenvolvimento das relações objetais se afetam mùtuamente. Se é verdade que o superego é formado num estádio tão precoce do desenvolvimento do ego, quando êste (o ego) ainda se acha tão afastado da realidade, precisamos rever a progressão das relações objetais sob uma nova luz. O fato do indivíduo criar um quadro distorcido de seus objetos em virtude de seus próprios impulsos sádicos, não sòmente dá uma compleição diferente à influência exercida por êsses objetos e às relações de objeto na formação do superego, como, inversamente, aumenta a importância da formação do superego no que se refere às relações objetais do indivíduo. Quando a criança pequena começa a introjetar seus objetos — e não nos esqueçamos que ela os conhece apenas vagamente e sobretudo por seus órgãos separados — seu mêdo dêsses objetos introjetados aciona, como já vimos, os mecanismos de ejeção e de projeção. Segue-se então uma ação recíproca entre projeção e introjeção, que parece ser de importância fundamental não sòmente para a formação do superego, como também para o desenvolvimento das relações objetais com pessoas e para a adaptação à realidade. A constante necessidade de projetar suas terríficas identificações

---

51 Em *Hemmung, Symptom und Angst* (1926) escreve Freud: "É possível que exista uma íntima conexão entre a situação de perigo operante e a forma assumida pela neurose subseqüente" (págs. 84-5).

sôbre os objetos, parece incrementar o impulso de repetir incessantemente o processo de introjeção, e constitui, portanto, um fator decisivo na evolução de suas relações com os objetos.[52]

A interação entre a relação objetal e o superego manifesta-se também, a meu ver, no fato de que em cada estádio de desenvolvimento, os métodos que o ego emprega para lidar com os objetos correspondem exatamente aos utilizados pelo superego para com o ego, e pelo ego para com o superego e o id. Na fase sádica, o indivíduo protege-se contra seu mêdo aos objetos violentos, quer introjetados quer externos, redobrando, em imaginação, seus próprios ataques destrutivos contra êles. Ao desembaraçar-se assim do objeto, seu intento seria, em parte, o de silenciar as intoleráveis ameaças de seu superego. Mas uma reação dêsse gênero pressupõe que o mecanismo de projeção já começou a funcionar através de duas modalidades diferentes: uma, na qual o ego coloca o objeto no lugar do superego do qual deseja desembaraçar-se; e outra, atribuindo ao objeto o papel do id, do qual também anseia por libertar-se. Desta maneira a quantidade de ódio que estava inicialmente dirigida contra o objeto, é aumentada pelo montante agregado ao id e ao superego. Parece, portanto, que nas pessoas cujas primeiras situações de angústia foram muito violentas e que conservaram os mecanismos de defesa próprios àquele estádio primitivo, o mêdo ao superego, se por razões externas ou intrapsíquicas ultrapassar certos limites, pode compeli-las a destruírem o objeto, formando a base para o desenvolvimento de uma conduta de tipo criminal.[53]

A violência excessiva dessas primeiras situações de angústia também é, a meu ver, de importância fundamental na etiologia da esquizofrenia. Todavia, só posso, aqui, apresentar uma ou duas sugestões em apoio dessa opinião. Como já foi assinalado, ao projetar seu terrífico superego sôbre os objetos, aumenta o

[52] Em *Instincts and their Vicissitudes* (1915) escreve Freud: "Os objetos que se apresentam, na medida em que constituem uma fonte de prazer, são absorvidos pelo ego, 'introjetados' (segundo uma expressão inventada por Ferenczi); ao passo que, por outro lado, o ego ejeta para o mundo exterior tudo aquilo que no interior de si mesmo possa dar origem a dor (*v. infra*: o mecanismo de projeção)" (pág. 78).

[53] Se o crime se origina realmente dessa angústia primitiva, nossa única esperança de compreender os criminosos, e quiçá de reformá-los, parece ser a de sujeitar os níveis mais profundos de sua vida psíquica à análise.

ódio do indivíduo por êsses objetos e, em decorrência, também o mêdo que lhe inspiram; em resultado, se sua agressão e angústia forem excessivas, seu mundo externo transforma-se num lugar de terror e seus objetos em inimigos, e êle se sente ameaçado de perseguição tanto pelo mundo externo como pelos inimigos introjetados. Se sua angústia fôr desmesurada ou se seu ego não puder tolerá-la, êle tentará evadir-se ao mêdo dos inimigos externos pondo os mecanismos de projeção fora de ação; isto, por sua vez, evitará que se efetue qualquer introjeção ulterior de objetos, pondo um fim à evolução de sua relação com a realidade.[54] Em decorrência, êle ficaria ainda mais exposto ao mêdo de seus objetos já introjetados, e estaria dominado pelo terror de ser atacado e injuriado de mil maneiras por um inimigo dentro dêle, de quem não haveria fuga possível. Êsse tipo de mêdo é, provàvelmente, uma das fontes mais profundas da hipocondria, e o excesso da mesma, por ser insuscetível de qualquer modificação ou deslocamento, requereria, evidentemente, métodos de defesa particularmente violentos. Uma tal perturbação do mecanismo de projeção parece, ademais, ser paralela a uma negação da realidade endopsíquica.[55] A pessoa assim afetada nega,[56] e até certo ponto elimina,[57] não sòmente a *fonte* de sua angústia, como também o *afeto*. Todo um mundo de fenômenos pertencentes à síndroma da esquizofrenia podem

[54] Cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930).

Melitta Schmideberg demonstrou que o esquizofrênico aparta-se do mundo externo refugiando-se em seus "bons" objetos internos — manobra que êle realiza abandonando o mecanismo de projeção e supercompensando seu amor ao objeto interno de maneira narcísica, fugindo assim ao mêdo dos "maus" objetos internos e externos. (Cf. seus artigos 'The Rôle of Psychotic Mechanisms in Cultural Development", 1930, e "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

[55] Em seu trabalho "Stages in the Development of a Sense of Reality" (1913), Ferenczi frisou que a negação completa da realidade é uma forma muito primitiva de reação psíquica e que os pontos de fixação para as psicoses devem estar situados num estádio correspondentemente primitivo de desenvolvimento.

[56] Segundo Melitta Schmideberg, a negação dos afetos da angústia é em parte utilizada para negar a existência do objeto introjetado, com o qual os afetos são equacionados (cf. "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

[57] Em seu artigo "Über Skotomisation in der Schizophrenie" (1926), Laforgue sugere o têrmo "escotomização" para êsse mecanismo de defesa e releva sua importância na esquizofrenia.

ser explicados como uma tentativa de precaver-se contra um inimigo interno, dominá-lo ou combatê-lo. A catatonia, por exemplo, pode ser encarada como uma tentativa de paralisar o objeto introjetado e mantê-lo imóvel, tornando-o, assim, inócuo.[58]

O primeiro período da fase sádica caracteriza-se pela extrema violência do ataque desfechado contra o objeto. Num período posterior desta fase, coincidindo com o primeiro estádio anal, no qual os impulsos anal-sádicos tomam a liderança, prevalescem métodos mais sutis de ataque, como o uso de materiais venenosos e explosivos. Os excrementos agora representam venenos,[59] e a criança, em suas fantasias, utiliza as fezes como agentes perseguidores[60] contra os objetos, inserindo-os secretamente, por uma espécie de mágica,[61] no ânus e em outros orifícios do corpo dêsses objetos, lá os deixando. Em conseqüência, começa a temer seus excrementos, como substância perigosa e prejudicial ao seu próprio corpo, e a recear os excrementos incorporados de seus objetos, dos quais espera ataques secretos similares, através do mesmo meio perigoso. Assim, essas fantasias geram o mêdo de ser envenenado e de ter uma multidão de perseguidores no interior de seu corpo, e constituem a base dos temores hipocondríacos. Servem também para incrementar

58 De acôrdo com Melitta Schmideberg, a catatonia representa a morte e é um meio de escapar às diversas formas de ataque temidas pelo paciente (*op. cit.*).

59 Cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930) e também "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931). Mais recentemente, num trabalho intitulado "Über respiratorische Introjektion" (1931), Fenichel descreveu um tipo de fantasias sádicas nas quais os excrementos são utilizados como instrumentos de morte, sendo que as fezes por envenenamento e explosão, e a urina por envenenamento. Segundo êle, essas fantasias dão origem ao mêdo de ser envenenado por excrementos. Seu trabalho parece-me corroborar o ponto de vista já exposto por mim nos artigos supra-mencionados.

60 Cf. Ophuijsen, "On the Origin of the Feeling of Persecution" (1919) e Stärcke, "The Reversal of the Libido-Sign in Delusions of Persecution" (1919). De acôrdo com êles, a idéia paranóica do perseguidor é derivada da idéia inconsciente do cíbalo no intestino e da equação dêsse cíbalo com o pênis perseguidor. Constatei que o mêdo de pedaços de matéria fecal vistos como perseguidores deriva, em última instância, das fantasias sádicas nas quais a urina e as fezes eram empregadas como armas venenosas e destruidoras contra o corpo da mãe.

61 Róheim, em "Nach dem Tode des Urvaters" (1923), demonstrou que nas tribos primitivas os magos negros matam um homem ou fazem-no adoecer pela introdução mágica de excrementos ou equivalentes em seu corpo.

o mêdo suscitado pela equação do objeto introjetado com fezes,[62] pois êsse objeto torna-se ainda mais perigoso ao ser equiparado ao cíbalo tóxico e destruidor. Como a criança, em razão de seus impulsos uretral-sádicos, vê igualmente na urina uma substância perigosa que queima, fere e envenena, acha-se inconscientemente preparada para encarar o pênis como um órgão sádico e a sentir pavor do perigoso pênis do pai (o perseguidor)[63] que ela introjetou.

No período em que efetua ataques por meio de seus excrementos venenosos, os temores da criança de sofrer ela mesma ataques subterrâneos por parte de seus objetos introjetados e externos, tornam-se mais multiformes, de acôrdo com a maior variedade e sutileza de seus próprios procedimentos sádicos; e êstes impulsionam os mecanismos de projeção, que passam a funcionar com o máximo de suas possibilidades. A angústia alastra-se e é distribuída por muitos objetos e fontes de perigo no mundo exterior, de sorte que ela agora espera ser atacada por um grande número de perseguidores.[64] O caráter pérfido e oculto que ela atribui a êsses ataques levam-na a observar o mundo circundante com ôlho atento e suspeitoso, reforçando assim suas relações com a realidade, embora êsse relacionamento seja falso e unilateral; por outro lado, como ela teme o objeto introjetado a despeito de seus mecanismos de projeção, é constantemente incitada a manter êsses mecanismos operando.

A meu ver, o ponto de fixação para a paranóia é êsse período

62 Abraham ("A Short Study of the Development of the Libido", 1924) demonstrou que o objeto odiado é equacionado com fezes. Cf. também Róheim, "Nach dem Tode des Urvaters" (1923), e Simmel, "The Doctor-Game, Illness, and the Profession of Medicine" (1926).

63 Cf. meu artigo "A Contribution to the Theory of Intellectual Inhibition" (1931).

64 O mêdo de numerosos perseguidores, por ser um mêdo de múltiplas fezes persecutórias, não tem sòmente uma origem anal-sádica mas também oral. Em minha experiência, a teoria sexual infantil, segundo a qual a mãe incorpora um nôvo pênis tôdas as vêzes que copula, e a idéia de que o pai é provido de uma quantidade de pênis, contribui para o mêdo de ter um grande número de perseguidores.

Melitta Schmideberg encara essa multiplicidade de perseguidores como sendo uma projeção dos próprios ataques oral-sádicos da criança contra o pênis do pai; e cada pedaço separado de seu pênis converte-se em nôvo objeto de angústia (cf. seu artigo, "The Rôle of Psychotic Mechanisms in Cultural Development", 1930).

da fase de exacerbação do sadismo, no qual os ataques da criança ao interior do corpo da mãe e ao pênis que ela imagina lá se encontrar, são efetuados por meio dos excrementos venenosos e perigosos.[65] As situações de angústia ligadas a êsses ataques dão origem a delírios de relação e de perseguição.[66]

A meu ver, o mêdo que os objetos introjetados inspiram na criança, impele-a a deslocar a origem dêsse mêdo e situá-lo no mundo exterior. Por êsse processo, seus órgãos, seus objetos, suas fezes, seus objetos internalizados, assim como todo o resto, é equacionado por ela com os objetos externos; ela distribui, ao mesmo tempo, seu mêdo de um objeto externo por um grande número de objetos, equacionando-os uns aos outros.[67]

Como êsse tipo de relacionamento com muitos objetos é em parte baseado na angústia e efetuado por meio de equações,[68] pode ser considerado como um mecanismo fóbico de angústia; êle constitui, a meu ver, um passo avante, por parte do indivíduo, no estabelecimento de suas relações objetais e de sua adaptação à realidade, pois a primeira relação objetal incluía apenas

[65] Cf. também meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego" (1930). Concordo com o ponto de vista de Abraham de que no paranóico, a libido regride ao primeiro estádio anal, pois, a meu ver, a fase de sadismo máximo é introduzida pelos impulsos oral-sádicos e termina com o declínio da primeira fase anal. O período desta fase que foi descrito acima e que considero fundamental para a paranóia, encontra-se sob a supremacia da primeira fase anal. Penso que o que foi dito aqui representa uma contribuição às descobertas de Abraham. Minha teoria mostra que na fase mencionada os diversos meios de sadismo são empregados conjuntamente e em sua total capacidade, e que as tendências uretral-sádicas, assim como as oral-sádicas, são de uma importância fundamental. Esta opinião também nos fornece certos esclarecimentos sôbre a estrutura das fantasias nas quais se exprimem as tendências anal-sádicas correspondentes à primeira fase anal.

[66] Melitta Schmideberg relatou dois casos em que as idéias delirantes de perseguição e de relação eram derivadas de situações de angústia dêsse gênero (cf. seu artigo "A Contribution to the Psychology of Persecutory Ideas and Delusions", 1931).

[67] Os desejos destrutivos da criança contra os seus objetos, representados pelos órgãos de seu corpo, despertam o mêdo dêsses órgãos e dêsses objetos. Um tal temor, simultâneamente aos seus interêsses libidinais, leva-a a estabelecer uma equação entre êsses órgãos e outros objetos que, por sua vez, se convertem em objetos de angústia; assim, ela se afasta continuamente dêles por meio de novas equações, criando, dessa forma, um sistema de simbolização (cf. meu artigo "The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego", 1930).

[68] Como Ferenczi demonstrou, a criança pequena procura redescobrir seus próprios órgãos e suas funções em tôdas as coisas externas por meio da identificação, que é a precursora da simbolização.

BIBLIOTECA DO IEPP

um único objeto: o seio materno, que representava a mãe. Na imaginação da criança pequena, êsses múltiplos objetos estão situados no interior do corpo da mãe, e êsse lugar é também o objetivo principal de suas tendências destrutivas e libidinais, assim como do despertar de seus impulsos epistemofílicos. Com o incremento de suas fantasias sádicas, ela se apossa, em imaginação, do interior do corpo de sua mãe, e essa parte do corpo passa a representar a pessoa inteira da mãe como objeto, simbolizando, ao mesmo tempo, o mundo exterior e a realidade. Originalmente, foi o seio materno que representou o mundo exterior para a criança; mas agora o interior de seu corpo representa objeto e mundo exterior num sentido mais amplo, porque se tornou, em razão da maior distribuição de sua angústia, o lugar que contém maior multiplicidade de objetos.[69]

Assim, as fantasias sádicas concernentes ao interior do corpo da mãe constituem uma relação fundamental da criança com o mundo exterior e a realidade. Mas a agressividade — e a angústia decorrente dessa agressividade — não são os únicos fundamentos das relações objetais. A libido também se ativa ao mesmo tempo e faz sentir sua influência. As relações libidinais com os objetos e a influência exercida pela realidade contrabalançam o mêdo de inimigos internos e externos. A crença na existência de figuras bondosas e protetoras — crença que se fundamenta na eficácia da libido — permite que os objetos reais se imponham com maior pujança e que as imagens fantásticas retrocedam para segundo plano.[70]

A interação entre o superego em formação e as relações objetais, baseada na interação dos mecanismos de projeção e introjeção, influencia profundamente o desenvolvimento da criança. Nos primeiros estádios, a projeção das imagos terríficas no mundo exterior, converte êsse mundo em lugar perigoso e seus objetos em inimigos; enquanto que a introjeção simultânea de objetos reais, que estão efetivamente bem dispostas para com a criança, age em sentido contrário, atenuando a violência do mêdo que lhe inspiram as imagos terríficas. Vistas por êsse

[69] Segundo Ernest Jones ("The Theory of Symbolism", 1916), o princípio do prazer capacita o indivíduo a equiparar coisas bastante diferentes uma da outra, se o interêsse que despertarem fôr de natureza similar. Êsse ponto de vista acentua a importância do interêsse libidinal como fator básico dos processos de identificação e de simbolização.

[70] Cf. meu artigo "Personification in the Play of Children" (1929).

ângulo, a formação do superego, as relações objetais e a adaptação à realidade são o resultado de uma interação entre a projeção dos impulsos sádicos do indivíduo e a introjeção de seus objetos.